

DIFUSÃO CULTURAL NO ARQUIVO AFONSO PEREIRA: O TEATRO DO ESTUDANTE DA PARAÍBA E SUA CONSTRUÇÃO EXPOGRÁFICA

Resumo: O arquivo privado e pessoal Afonso Pereira fundado, em outubro de 1998, localiza-se no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa. Possui inestimável valor na constituição da memória coletiva e identidade cultural por seu compromisso em guardar e disseminar documentos que registraram o desenvolvimento da cultura e da educação na Paraíba do século passado. Referência para a Arquivologia pelo seu raro acervo documental, o qual se encontra preservado e conservado e pelo seu trabalho de difusão cultural e de ações educativas junto à comunidade paraibana. O estudo objetiva apresentar o uso da expografia como estratégia institucional inerente às práticas arquivísticas. A pesquisa caracterizou-se como estudo de caso por ter ambiente definido, o citado arquivo. Sustenta-se como pesquisa de cunho qualitativo em função do sentido interpretativo suscitado pelo fenômeno estudado, configurando-se exploratória, tornando acessível aquilo que ainda é pouco conhecido. O resultado dessa pesquisa demonstra a pertinência de ações pedagógico-culturais, tais como o planejamento de projetos expográficos, para divulgação cultural no universo arquivístico. Conclui-se que por meio de ações de difusão cultural, percebe-se o arquivo como um espaço social de mediação, possibilitando conhecer ou evocar práticas da comunidade em que vive e, com isso, colaborar para a constante construção da identidade social.

Palavras-chave: Difusão cultural. Expografia. Teatro do Estudante da Paraíba. Arquivo Afonso Pereira.

CULTURAL DIFFUSION ON THE ARCHIVE AFONSO PEREIRA: THE THEATER STUDENT OF PARAÍBA AND EXPOGRAPHY CONSTRUCTION

Abstract: The private and personal archive Afonso Pereira, founded in October 1998, is located in the Jaguaribe neighborhood of João Pessoa. It has inestimable value in the constitution of collective memory and cultural identity for its commitment to keep and disseminate documents that recorded the development of culture and education in Paraíba of the last century. Reference to Archivology for its rare documentary collection, to which it is preserved and preserved, and for its work of cultural diffusion and educational actions in the community of Paraíba. The study aims to present the use of expography as an institutional strategy inherent to archival practices. The research was characterized as a case study because it has a defined environment, the aforementioned Archive. It is sustained as a qualitative research in function of the interpretative sense elicited by the studied phenomenon, configuring itself exploratory, making accessible what is still little known. The result of this research demonstrates the pertinence of pedagogical-cultural actions, such as the planning of expographic projects, for cultural dissemination in the archival universe. It is concluded that through actions of cultural diffusion, the archive is perceived as a social space communicational, making it possible to know or evoke practices of the community in which it lives and, with that, to collaborate for the constant construction of social identity.

Keywords: Cultural diffusion. Expography. Theatre Student of Paraíba. Archive Afonso Pereira

Flávia Barros Fernandes Carvalho
Bacharel em Arquivologia pela Universidade
Estadual da Paraíba, UEPB.
flaviabarrosnunes@gmail.com

Manuela Eugênio Maia
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação (PPGCI- UEPB),
Mestre em Educação
manuelamaia@gmail.com

Bernardina M. Juvenal Freire de Oliveira
Doutora em Letras e mestrado em
Ciência da Informação pela UFPB.
bernardinafreire@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve sua gênese na experiência vivenciada no projeto de extensão intitulado "Arquivo Afonso Pereira (AAP) e a construção de políticas de divulgação pedagógico-cultural", realizado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Consistiu na seleção, no tratamento, na recuperação e, conseqüente, disseminação de suportes de potencial memória do acervo do Arquivo, com vistas à ampliação das condições de acesso à informação. Para tal, o ponto de partida foi elaborar uma expografia como estratégia institucional de difusão cultural do AAP.

Fundado em outubro de 1998, atualmente é considerado o maior arquivo privado do Estado da Paraíba. Localizado em João Pessoa, possui raro acervo arquivístico, cujo último levantamento, realizado em 2015, apontou cerca de 30 mil documentos, aproximadamente 10 mil fotografias e mais de 200 painéis, os quais se encontram preservados e conservados. A partir da análise feita sobre documentos, em especial as fotografias referentes ao Teatro do Estudante da Paraíba (TEP), foi possível criar mecanismos que estimulassem a difusão cultural do Arquivo, valendo-se de exposição fotográfica sobre um dos tantos temas enlaces que envolvem o seu patrono (MAIA, 2011; NUNES, 2012).

As fotografias constituem um conjunto de significados, que potencializam sentido ao projeto expográfico, uma vez que, segundo Teixeira e Cunha (2005), a exposição torna-se um delicado conjunto de alusões culturais que vai constantemente adquirindo novos dados, a fim de corroborar e especificar momentos e visões do mundo. Isso significa que a exposição vai além da própria ideia de expor e recebe o sentido de propor. É esse o sentido que sugere a interação do público com os elementos expostos. Assim, a expografia foi pensada para tornar o evento mais convidativo e descontraído, todavia, com uma proposta que transcende o sentido da exposição arquivística, ou seja, para que as informações coletadas junto ao público ajudassem na descrição arquivística das fotografias expostas.

Com essa proposta, percebemos que a ação educativa e a difusão cultural em arquivo são de suma importância para o arquivista no trato das políticas de gestão arquivística, refletindo acerca da importância desses ambientes como fonte de informação, cultura, história, memória e educação. Ou seja, trabalhamos na perspectiva de perceber o arquivo para além do seu valor administrativo e consideramo-lo em sua função social/cultural a ser explorada, de modo a tornar as informações disponíveis em cada arquivo, para quem delas necessitar.

Para a sociedade atual, que cada vez mais almeja informação, este estudo ganha fôlego quando as pessoas veem o arquivo como um espaço lúdico de entretenimento e quando reconhecem esse tipo de instituição como ponte tangível entre passado e presente e quiçá como fonte de conhecimento. Ademais, a concretização dessa pesquisa foi relevante para a Arquivologia, pois a partir das ideias propostas foi possível abrir muitas de possibilidades no desenvolvimento de pesquisas na área da Ciência da Informação, no que dizem respeito ao valor cultural dos arquivos e a construção de ações voltadas à difusão pedagógico-cultural das instituições arquivísticas para a comunidade. A constituição da memória é elaborada paulatinamente através do tempo, concomitante à construção da cultura, da história e, conseqüentemente, da formação da identidade de um povo. Nesse sentido, a missão da memória envolve também a transmissão, disseminação e democratização da informação (NUNES, 2012).

Segundo Bellotto (2006), a memória pode ser ou não um conjunto orgânico de documentos, possuindo intrinsecamente caráter de referência, a partir do momento em que informação é descoberta, identificada, localizada e disponível para quem a pesquisa. Nesse sentido, a conservação da memória é importante para o usuário, seja historiador, arquivista ou qualquer cidadão. Contudo, essa busca por informações nem sempre pode ser acessível para a sociedade, principalmente quando se fala nas instituições de arquivo, onde ainda persiste a ideia da dificuldade de acesso à recuperação da informação. Do ponto de vista do senso comum, o cidadão vê o arquivo como um ambiente cujo objetivo principal é a guarda de papéis velhos, acúmulo de mofo e entulho (BELLOTTO, 2002). Ações que estimulem a difusão cultural são fundamentais nesse processo de reconhecimento dos arquivos como ambiente educacional, na medida em que as instituições arquivísticas façam parte do cotidiano dos indivíduos em suas formações como cidadãos. Bellotto (2002) defende que o serviço de difusão cultural se estabelece como instrumento atrativo do público para dentro das instituições arquivísticas, promovendo diferentes formas, como simpósios, palestras, debates, lançamentos de obras, exposições etc.

A expografia, como política institucional de difusão cultural nos arquivos, surge como uma das mais fascinantes representações da sociedade humana, pois traduz a memória construída pouco a pouco por meio do tempo em um determinado lugar. Segundo Teixeira e Cunha (2005), a exposição é um delicado conjunto de alusões culturais que vai constantemente adquirindo novos dados a fim de corroborar e especificar momentos e visões

do mundo. Nessa perspectiva, a propositura no AAP direciona-se à disseminação da importância de Afonso Pereira para a construção da cultura na Paraíba, ao longo do século XX (FONSECA; OLIVEIRA; FRAGOSO, 2008).

Os motivos que incentivaram essa política de difusão cultural, por meio da expografia no AAP, surgiram porque Afonso Pereira foi um entusiasta da educação na Paraíba e precursor da educação no interior do Estado, fundando mais de 100 escolas de ensino básico e profissional; contribuiu para a criação de cursos de bacharelado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como, por exemplo, o de Biblioteconomia. Sua preocupação foi atrelar a educação com o desenvolvimento cultural dos indivíduos e, dentre tantas ações, ele ajudou a construir o TEP, com a finalidade de promover a arte e cultura à comunidade local. Nessa direção, o objetivo deste estudo foi o de apresentar a construção expográfica como elemento de difusão cultural e de evocação da memória no AAP tendo como temática o TEP.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa caracterizou-se como estudo de caso, considerando que os eventos estudados ocorreram em ambiente demarcado e em período específico (RODRIGUES, 2007), preservando o caráter unitário do objeto em análise (GIL, 2002). Dessa forma, Michel (2009) assevera que o delineamento do ambiente/tempo é importante para as pesquisas sociais, as quais se voltam para o estudo dos indivíduos, grupos ou comunidades, a fim de explicar fenômenos, entender realidades e criar significados sociais. Nessa perspectiva, pensamos em uma expografia no AAP, a fim de se perceber a relevância das políticas pedagógico-culturais como fontes de conhecimento e informação para a sociedade local.

Analisando o fenômeno e a pertinência da expografia como política de divulgação cultural em arquivos, esse estudo caracteriza-se como exploratório. De acordo com Raupp e Beuren (2006), explorar um assunto significa reunir mais conhecimento e incorporar características inéditas, bem como agregar novas dimensões até então inexploradas. Rodrigues (2007) defende que a pesquisa exploratória destina-se a tornar acessível aquilo que ainda é desconhecido ou pouco conhecido, isto é, procura elucidar a natureza do fenômeno, possibilitando perceber suas consistências, ocorrência e manifestações. Predominantemente relacionado à Museologia, a expografia é pouco discutida na área da Arquivologia, conferindo

o seu caráter exploratório nesse estudo, sobretudo, na perspectiva da ação pedagógica em arquivos como forma de evocação da memória coletiva em uma comunidade (MAIA, 2011; NUNES, 2012).

A coleta de dados ocorre mediante uma ou mais técnicas que visam à análise e à explicação de aspectos teóricos estudados, constituindo como ferramentas essenciais para a fidelidade, qualidade e completude da pesquisa (MICHEL, 2009). O andamento desta pesquisa necessitou de mais de um instrumento de coleta de dados, pois, conforme Gil (2002), a obtenção de dados pode envolver diversos procedimentos, fundamental para averiguação e garantia da qualidade dos resultados obtidos. São eles: observação direta; diário de bordo; pesquisa documental; e enquête.

Imprescindível em qualquer processo de pesquisa, a observação, consoante Richardson (1999), é a base para a análise minuciosa de um fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes, ou seja, é a captação precisa do objeto examinado. Michel (2009) assevera que a observação direta é uma técnica de coleta de dados, normalmente utilizada na pesquisa de campo, que utiliza os sentidos para obter determinados aspectos que são alvo de estudo. Marconi e Lakatos (2008) afirmam que a observação consiste não apenas em "ver e ouvir", mas, sobretudo, em analisar fatos e/ou fenômenos que se almejam estudar. Nesta pesquisa, a observação ocorreu durante o período em que transcorreu o projeto de extensão (2010-2011) "Arquivo Afonso Pereira (AAP) e a construção de políticas de divulgação pedagógico-cultural", com finalidade de analisar, diante das condições do acervo, a pertinência de ações de cunho pedagógico-cultural para a promoção do Arquivo, por meio da expografia como estratégia institucional. Todas as observações foram registradas no diário de bordo, cuja função consiste em armazenar e recuperar as atividades realizadas e informações necessárias ao estudo em questão (MAIA, 2011).

O nosso objeto de análise foi o AAP, administrado com recursos financeiros próprios e sem qualquer financiamento por parte do poder público. Além disso, o AAP pode ser considerado uma instituição-memória, que tem por finalidade a preservação da memória e tem como função principal a disseminação da informação como fonte de comunicação entre o passado e o presente, bem como para pesquisas que se relacionem com a formação da identidade, da história, do patrimônio cultural paraibana e com a construção de trabalhos científicos (FRAGOSO, 2008).

O conjunto documental do Arquivo é oriundo das atividades desempenhadas por Afonso Pereira ao longo de sua vida e seu valor para a Paraíba deorre do seu valor cultural e testemunhal sobre a história local, além de constituir uma riqueza tangível para a montagem da exposição. São detalhes paulatinamente construídos que fizeram parte de uma vida de dedicação à cultura e à educação, conservados para serem (re)conhecidos pela sociedade, mediante ações pedagógico-culturais de difusão do Arquivo.

Incluimos a análise documental para a concretização do plano de ação, que consistiu no planejamento da exposição arquivística como estratégia de difusão cultural no AAP, pertencente ao objeto da pesquisa (MICHEL, 2009). Essa análise partiu da relação dos documentos fotográficos com o tema da exposição "Teatro do Estudante da Paraíba".

A fim de tornar a exposição mais dinâmica e didática, optamos por mais um instrumento de coleta de dados, uma enquete, que teve como objetivo primordial a interação/comunicação com o público, com fins de difusão cultural. Essa interação com o público é, conforme Richardson (1999), um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais. Essa comunicação só foi possível porque criamos um cenário propício e convidativo para que o visitante fizesse parte da exposição realizada. É nesse momento, de acordo com Teixeira e Cunha (2005), que a exposição deixa de ser apenas um instrumento de expor e passa a ter um sentido de propor. O uso da enquete, como função pré-determinada, foi intencional no sentido de coletar a identificação das informações referentes às fotografias. As fotos retratam atores, ensaios e apresentações das peças, estreadas na década de 1940 e ao longo das décadas seguintes. Essas descrições individualizadas referentes às imagens não constavam no arquivo pessoal de Afonso Pereira. A atividade de descrição, para Cook (2007), não pode ser elaborada apenas pelo arquivista, pois não é possível identificar o contexto que está além das informações orgânicas relacionadas ao produtor. Isso significa que é necessário o conhecimento específico sobre aquele contexto, emanado pelo próprio visitante, por meio da sua contribuição no preenchimento da enquete (NUNES, 2012).

Após a reunião dos dados, analisamos e refletimos sobre o conteúdo coletado, percebendo que a expografia, para além de instrumento de difusão cultural, impactou os visitantes presentes na exposição arquivística, realizada durante evento de lançamento do livro, já mencionado.

3 DIFUSÃO CULTURAL: DOS CONCEITOS QUE ENVOLVEM EXPOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICO-CULTURAL EM ARQUIVO

A partir da ideia central, que visa à construção de uma expografia no Arquivo Pessoal Afonso Pereira, a condução desta pesquisa tem como primeiro passo a identificação dos conceitos que envolvem o tema proposto, pois não há como se falar em discurso expográfico sem antes contextualizar a prática deste estudo com a noção de memória, identidade cultural, cultura, informação, instituição-memória, expografia, comunicação na perspectiva expográfica e difusão cultural em arquivos.

Há várias definições para o termo memória. Primeiramente, compreendemos a existência das diferenças entre memória individual e coletiva ou social. Segundo Chauí (2000), a memória é a recordação do nosso passado, ou seja, é a aptidão para se lembrar do que passou e do que não pode voltar mais, de forma subjetiva e introspectiva ao próprio indivíduo. Subjetiva e introspectiva porque depende do ser humano que vivenciou experiências, momentos e uma história individual, todavia com aspectos de interações sociais complexas inerentes ao grupo onde ele foi socializado (GONÇALVES, 1999).

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é mais ampla e envolve as memórias individuais, contudo, não se confunde com estas. "Ela é uma corrente de pensamento contínuo [...], que evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal" (HALBWACHS, 1990, p. 53). Destacamos que o aspecto coletivo e social do termo memória para Chauí (2000) foge da subjetivação facultativa do indivíduo e torna-se objetiva quando passa a ser registrada em um monumento, documento ou nos relatos da história de uma sociedade e, principalmente, por permanecer inacabada, pois adquire, a todo momento, novos elementos e conceitos comuns à experiência social humana.

Nessa perspectiva coletiva, Le Goff (2003) assevera que a memória é objeto múltiplo, complexo e usado por várias áreas e, por isso, o seu sentido é inacabado. A memória é entrelaçada e entranhada em vários outros conceitos que envolvem aspectos sociais. A memória coletiva, como evocação e disseminação do passado através do tempo e em um determinado espaço, constitui-se elemento essencial para a manifestação da identidade de um povo. Isso quer dizer que a evocação da memória pode ocorrer por meio da música, da dança, da arte, da filosofia, da poesia, ou seja, da comunicação entre os indivíduos no decurso do tempo. É um processo dinâmico que traz consigo experiências já vivenciadas, ao mesmo

tempo ressignificadas nos valores, costumes e práticas do contexto social e histórico presente (ASSMANN, 2011).

Os conceitos de memória coletiva e construção da identidade cultural de uma sociedade se relacionam com a definição de cultura, pois, como assevera Von Simson (2007, p. 64),

[...] cultura é memória, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem possam exercer seu poder de seleção realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras.

Portanto, cultura é todo aquele conjunto de memórias que foram eleitas como importante para a coletividade em um dado contexto. Ou seja, é a liberdade de escolha da sociedade que define, por meio de seleções racionais, entre o mantido e o descartado, entre o seguido e o ignorado ou entre o que é belo e o que é feio. É nessa concepção, segundo Chauí (2000), que se observa a relação entre cultura e civilização, quando se percebe a valorização entre as relações interpessoais como instrumento de poder, no tocante às transformações dos valores, dos costumes e da história no tempo. A partir dessas relações entre os indivíduos, afirma Fragoso (2008), surgem documentos, livros, manuscritos, músicas, arte, trabalhos científicos, os quais arrematados constituem artefatos que oferecem significado à cultura de uma sociedade.

Esse conjunto de significados constitui, conforme Silva e colaboradores (1998), o fenômeno humano e social, que conhecemos por informação. Nessa perspectiva, a informação é uma reunião de sentidos e de percepções que necessitam ser registrados/documentados em algum suporte para a sua difusão livre por meio do tempo e espaço e, sobretudo, para exercer efeito sobre o receptor que, por sua vez interpreta, acumula, descarta ou responde à mensagem recebida (LOPES, 2000).

Com o intuito de não deixar se perder no tempo esse conjunto de memórias registradas, foram legitimados como espaços sociais de guarda as bibliotecas, os museus, os arquivos e as instituições-memória. Todas essas memórias manifestadas em livros, documentos, imagens, músicas e arte possuem um valor específico e de cunho social que, por meio de sua disseminação, podem recordar experiências, momentos vivenciados, histórias que carregam um passado que não pode ser revivido. Na exposição, objetiva-se suscitar subjetividades, pois funciona como um processo de luta "contra a imobilidade do mundo" e, por isso, a sua função

didática e pedagógica, tratando-se de um "sensível [...] instrumento privilegiado para a reflexão, a interrogação" (BELLAIGUE; MENU, 1996, p. 45).

O local de salvaguarda e de preservação das memórias é definido como instituição-memória. A característica fundamental que determina se uma instituição (entre as quais arquivos e museus) pode ter a adjetivação de memória é o caráter de guarda e preservação. Isso significa que uma instituição-memória só pode ser assim considerada se for fundada com a missão ou propósito de guarda e preservação de suas memórias. Tais instituições "[...] têm funções de socialização, aprendizagem e comunicação, e disponibiliza informação como fonte de pesquisa na formação de identidades, na construção da História e na produção de trabalhos científicos" (FRAGOSO, 2008, p. 69). É essa missão que diferencia os arquivos das bibliotecas e dos museus, os quais não foram instituídos para esse fim, contudo, mediante suas funções, em algum momento guardam referenciais de memória.

Esse tripé que relaciona guarda, preservação e uso das memórias, como atributos para esse tipo de instituição, compõe-se de mecanismos que estimulam a sua revocação por meio de ações, a exemplo da expografia como política de divulgação desses acervos para a comunidade. Conforme Stradiotto (2005), expografia é a área da Museologia responsável por estudar e desenvolver uma exposição em toda sua dimensão. Isso significa que um projeto expográfico abrange a planta, o tema, os objetos expostos, a iluminação utilizada, os instrumentos de apoio e, mormente, os mecanismos de interação com o público-alvo da exposição.

Essa interação deve ser pensada e estruturada para causar impacto e modificar o comportamento do público, o qual, consoante Teixeira e Cunha (2005), observa e interage com o que vê, elaborando e reelaborando seus conceitos sobre o tema apresentado, a partir do contato sensorial, emocional e intelectual com os elementos expostos. Desse modo, a exposição se caracteriza a partir da reunião de três elementos fundamentais: a fundamentação; a produção imagética; e a extroversão ou comunicação.

A fundamentação se baseia no conjunto dos fatos e nos conceitos e objetivos que norteiam a exposição, ao passo que oferecem sentido e contexto à proposição do discurso expográfico. Isso significa que uma exposição ocorre a partir da reflexão de propostas, conceitos e contextos do exposto e do que dela pode produzir: ideias e informações do processo de composição da exposição (SEMENSATTO, 2010) que, em nossa pesquisa, envolve o lançamento do livro "O Teatro do Estudante da Paraíba: educando pela arte dramática".

A partir do tema, estudamos a produção imagética que, por sua vez, constitui-se na materialização da fase da "fundamentação", tendo em vista a comunicação entre os objetos extrovertidos. Ou seja, é a explicitação ou representação do discurso expográfico, por meio dos elementos utilizados na exposição, mantendo um diálogo entre si. Nessa fase, buscamos material que tivessem relação com o TEP, tema central do livro em questão e intimamente relacionado com a educação promovida e idealizada por Afonso Pereira (OLIVEIRA; ROSA; ABREU, 2010). Após o levantamento do acervo dedicado ao tema, percebemos que havia fotografias das peças e ensaios no TEP sem uma descrição catalográfica detalhada e particular em cada imagem. A partir disso, analisamos a pertinência de seu uso para promover uma exposição durante o evento de lançamento do livro. Essa escolha teve intenção de compor a descrição arquivística daquelas imagens. Contudo, essa questão que envolve a representação da informação fotográfica não constituiu objeto deste artigo, pois demandaria uma perscrutação teórica e metodológica acerca desse tema.

A extroversão ou comunicação relaciona-se com a observação do visitante e suas inúmeras e possíveis interpretações sobre o material exposto. A leitura realizada pelo visitante provoca avaliações do universo apresentado, incluindo espaço físico, mobiliário, cenário, objetos, "[...] relacionando-os ao seu universo de referências, ao seu sistema de crenças – o conjunto de referências e categorias com as quais o indivíduo se relaciona e classifica o mundo" (TEIXEIRA; CUNHA, 2005, p. 6) e, a partir disso, modificar ou ampliar seu sistema de crenças e visões sobre a vida.

A partir da reunião desses três elementos básicos, todas as exposições traduzem uma estratégia para comunicar algo, propagar ideias, trazendo uma perspectiva, um discurso a ser defendido por meio de objetos, que por sua vez, são "lidos" e interpretados pelo público. Nesse sentido, o escopo de uma exposição deve sempre ser um meio de diálogo e de difusão de informação, a fim de causar impacto e modificar o comportamento do visitante.

O resultado da exposição depende basicamente de dois fatores que a precedem e a regulam: a) a existência de **recursos expográficos**, que se refere ao tema que se pretende expor, à harmonia entre os objetos expostos, ao mobiliário utilizado, à iluminação adequada e ao cenário que será montado; b) a **interrelação entre os elementos expostos e o público**, por meio de ações socioculturais e/ou ações educativas, cujo objetivo vincula-se ao de possibilitar o enlace da exposição com as pessoas que a visitam, mediado por aspectos comunicacionais,

que fornecem informações adicionais, incitam questionamentos e sanam dúvidas (STRADIOTTO, 2005).

Após a análise documental das fotografias do TEP, no momento da produção imagética e, posteriormente, na fase em que se pensou na comunicação entre objeto/visitante, verificamos a inexistência da descrição arquivística das algumas imagens pertencentes ao Arquivo. A ausência dessas informações específicas acerca dos títulos das peças, das datas de estreia, dos nomes dos atores/personagens nas fotografias, suscitou a elaboração de uma ação educativa com vistas à integração/comunicação entre o público e a exposição, mediante uma enquete. Esse instrumento de interação foi pertinente na fase de comunicação expográfica, pois permitiu que os visitantes fornecessem informações das imagens expostas, com a finalidade de trocar experiências e compreender a história das imagens encoberta pelo tempo. Dessa forma, a expografia, além de permitir a identificação dos visitantes com as fontes de caráter histórico-cultural, suscita uma comunicação entre o conteúdo apresentado e o observador. Sobretudo, estimula o exercício da memória do cidadão, tornando esse diálogo quase tangível em relação às ações educativas que transmitem mais didática à exposição (MAIA, 2011; NUNES, 2012).

Destarte, segundo Bellotto (2002), a riqueza dos acervos arquivísticos possibilita a sua difusão cultural. Segundo Vela (2001 apud BELLOTTO 2002, p. 25), no que diz respeito à difusão cultural em arquivos,

[...] a exposição há de ser considerada como um meio e não como um fim em si mesma, há de ser um meio para aproximar a sociedade do patrimônio documental, o trabalho realizado no arquivo, para sensibilizar os cidadãos de seu valor e da necessidade de sua preservação, contribuindo, assim, para o esforço comum de formar cidadãos mais conscientes de sua própria história.

Destacamos que uma exposição não deve ser vista como uma obra concluída, pois ela ganha novos elementos por meio da comunicação que surge entre o objeto exposto e o visitante. Essa interação proporciona descobertas de valores, quiçá diluídas no tempo. Por meio da expografia pode-se estimular o processo de rememoração, evocando os fatos e atos dos indivíduos em um "passado" vivido e que, quando lhe é posto por meio de registros, podem suscitar lembranças.

4 EXPOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICO-CULTURAL NO ARQUIVO AFONSO PEREIRA (AAP)

O Arquivo Afonso Pereira localizado no bairro de Jaguaribe, na capital João Pessoa, foi fundado em 1998, com a finalidade de reunir e disponibilizar para a sociedade o acervo documental produzido e recebido do professor Afonso Pereira, ao longo de sua vida e o seu compromisso com a educação, política e cultura paraibana no século passado. A iniciativa de criar e de manter um arquivo privado partiu da esposa do patrono, Clemilde Torres Pereira. Consideram-se arquivos privados, conforme o Art. 11 da lei nº 8.159/1991, "[...] os conjuntos documentais produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades" (BRASIL, 1991, p. 455). Nesse sentido, os arquivos dessa natureza existem com a finalidade de disseminar os papéis desempenhados por qualquer cidadão que desperte interesse para a sociedade, ao oferecer informações sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica e cultural do tempo em que viveu.

Dessa forma, o AAP reflete a atuação do professor Afonso no tocante às atividades relacionadas a sua contribuição na educação, cultura e política da Paraíba, no século XX. Dentre os milhares documentos, a instituição conta com uma biblioteca, objetos pessoais, mais de 200 painéis e cerca de 10 mil fotografias, que, arregimentados, representam o caráter personalista do Arquivo. Em virtude da contribuição de Afonso Pereira para a comunidade, esse acervo, embora de cunho particular, alcança a dimensão da memória coletiva ou social, pois cada um desses documentos (atas, regimentos, discos, livros, fotografias, objetos tridimensionais, entre outros) carrega múltiplos aspectos que constituem uma riqueza *da e para* a memória (FRAGOSO, 2008). O patrimônio documental do AAP deve ser visto como parte do desenvolvimento local e disseminado à sociedade por políticas de rememoração dos valores fundamentais que foram edificados ao longo do século passado (BELLOTTO, 2006). Parte do contexto social paraibano, paulatinamente construído no século XX, pode ser compreendido por meio do patrimônio documental do AAP, que vai além do próprio conteúdo dos documentos, pois integra fatos e reflexões envolvidas na atuação do professor Afonso Pereira e suas relações com a realidade da época (OLIVEIRA; ROSA; ABREU, 2010).

Para Bellotto (2002, p. 5), essas ações podem ser estruturadas por meio de "[...] exposições; dos contatos entre escola e arquivo; das publicações de cunho cultural; e da cooperação com museus e bibliotecas, no sentido de proporcionar cultura e lazer cultural à comunidade." A expografia é uma área da Museologia que visa ao planejamento e à execução de uma exposição, envolvendo a sua planta e objetivos, escolha dos objetos que a serem expostos, seu contexto com o tema e a relação entre os elementos. Dessa forma, o primeiro

passo foi definir o tema da exposição que tivesse vínculo com a educação e a cultura promovidas pelo professor Afonso, pois, para ele, o desenvolvimento da cultura faz parte do ato de educar. Nesse sentido, a observação direta no AAP e as anotações no diário de bordo permitiram definir como tema da exposição o TEP, do qual o professor foi idealizador e contribuiu para sua fundação em 1944 (OLIVEIRA; ROSA; ABREU, 2010).

Os objetivos dessa expografia transcenderam a esfera da exposição em si. O foco foi evocar o universo teatral que o livro tratara em suas páginas para a realidade de hoje, através dos objetos expostos. A proposta foi elaborar uma verdadeira reconstrução viva do tema para que as pessoas pudessem mergulhar naquele universo e compreender a construção do passado e a importância da herança patrimonial daquelas memórias para o desenvolvimento cultural e educacional paraibano. A partir disso, realizamos pesquisa documental para a montagem da exposição, que teve um determinado contexto com o tema proposto, a ambientação do espaço e a seleção dos objetos eleitos para rememoração do evento. Essa fase foi importante, pois a elaboração de um discurso expográfico pode ser considerada um trabalho envolvente, ao passo que permite diversos caminhos a seguir, bem como pode proporcionar a realização de diversas pesquisas na área escolhida (NUNES, 2012).

Optamos por selecionar 13 fotografias do acervo, que tivessem relação com o tema da exposição. Ao analisar as imagens do TEP, percebemos a ausência, nessas 13 fotografias escolhidas, de informações representacionais, tais como: a) data; b) atores e personagens; c) título das peças ou ensaios; d) local.

Essa ausência de informações para uma futura descrição arquivística e o desejo de tornar a exposição mais dinâmica estimularam a construção dessa ação proposta. De cunho pedagógico-cultural, a exposição tem duas funções: a primeira delas e principal foco deste trabalho foi convidar o público a participar da exposição, por meio de uma atividade lúdica de interação/comunicação; a segunda função teve a intenção de possibilitar, para um futuro, uma descrição arquivística para cada fotografia, a fim auxiliar na melhoria dos instrumentos de pesquisa no AAP. Como proposta de ação pedagógico-cultural e, concomitante, coleta de dados para futuros estudos, criamos uma enquete, a ser respondida pelos visitantes, sem a intenção de tornar o processo rígido; nele foram solicitadas informações específicas sobre as fotos expostas, tais como: título da peça, personagens, autores e ano de estreia. Isso significa que, ao olhar as fotografias expostas, as pessoas eram suscitadas a identificar aquelas imagens.

Essa atividade de responder à enquete tornou o evento muito mais atrativo e divertido, pois o público se sentiu parte do universo exposto. Esse clima em torno da exposição foi proporcionado porque se produziu um cenário teatral, com cortinas vermelhas, iluminação apropriada e o figurino estilizado dos anos de 1940, ou seja, criamos a articulação entre os elementos para que os visitantes se sentissem submergidos no contexto do evento. Essa ambientação foi fundamental para despertar o interesse dos visitantes naquilo que a exposição propôs.

Esta proposta buscou apresentar um sentido para a exposição. Esse sentido era o de motivar o visitante a imergir no passado, com a finalidade de se compreender a história local e a construção da memória social, por meio da relação entre os objetos expostos, o universo construído para a exposição e os visitantes. Com essa ambientação, as pessoas puderam entender o comportamento, as visões de mundo, as interpretações sobre a realidade refletido no modo de vestir, pensar e agir, principalmente porque o contexto político estava marcado pela II Grande Guerra, pela ditadura militar e todas as implicações sociais que estavam entrelaçadas a esses eventos. Além disso, a exposição pretendeu mostrar um novo olhar sobre o papel de Afonso Pereira para a educação e a cultura na Paraíba no século XX e a importância do AAP como patrimônio documental acessível para a comunidade paraibana (OLIVEIRA; ROSA; ABREU, 2010).

O entusiasmo dos visitantes foi notório, mesmo daqueles que não sabiam responder a nenhuma das questões. O entretenimento promovido pela enquete tornou-se o diferencial da exposição, pois as pessoas se interessaram, não somente pelas fotografias antigas, com cores e contrastes da década de 1940 e bastante diferentes dos atuais, mas, principalmente, pela curiosidade sobre a construção da história e da memória da comunidade representada por aquelas imagens. A exposição de parte dos documentos pessoais de Afonso Pereira pretendeu divulgar e dialogar com a comunidade local, suscitando o autoconhecimento da sua história, sua origem e sua cultura, utilizando documentos arquivísticos como elementos de evocação de memórias (TEIXEIRA; CUNHA, 2005; NUNES, 2012).

Ficou claro que o resultado dessa ação pedagógico-cultural trouxe mais leveza e dinâmica ao processo expográfico no AAP, uma vez que o visitante passou a ser fundamental durante a exposição. Em consonância com Bellotto (2002, p. 30), os arquivos são locais "[...] onde melhor se pode ilustrar e comprovar, de forma irrefutável e motivadora, os fatos do passado", úteis à compreensão da construção da identidade coletiva. Isso significa que o arquivo pode ser visto como um ambiente mediador que contribui para formar um cidadão

mais apto a conhecer e compreender o passado da comunidade em que vive e, com isso, contribuir para a constante construção da identidade social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos a importância da atuação do professor Afonso Pereira da Silva no processo de construção da educação e da cultura paraibanas, ao longo do século XX e do seu inestimável acervo, como fonte de informação na constituição da memória coletiva e identidade cultural da comunidade local.

Para tornar os arquivos acessíveis à comunidade são necessárias políticas de difusão cultural, cujo escopo principal é a interação entre o usuário e o arquivo. Ações de divulgação pedagógico-culturais estimulam a aproximação entre as pessoas e as instituições arquivísticas, gerando impacto e enriquecimento intelectual, à medida que se revoca a memória por meio do patrimônio documental. Nesse sentido, essas políticas que promovem a difusão cultural nos arquivos trazem um novo olhar sobre sua função social, podendo ocorrer de diversas formas, através de palestras, exposições, ações educativas, simpósios, reuniões, entre outras.

A partir disso, o Projeto de Extensão universitária "Arquivo Afonso Pereira (AAP) e a construção de políticas de divulgação pedagógico-cultural" possibilitou a caracterização expográfica no AAP, tendo como temática o Teatro do Estudante da Paraíba. A expografia é um conjunto de atividades interrelacionadas que constituem uma exposição. No caso do AAP, a exposição trouxe elementos contextualizados com o tema proposto: a atuação de Afonso Pereira na construção da cultura paraibana, com a fundação do TEP, na década de 1940.

Cada fase da montagem expográfica foi importante para a concretização da pesquisa. A primeira delas, a fundamentação, baseada no tema, possibilitou a reflexão dos contextos políticos e sociais envolvidos com o TEP. Essa análise motivou o segundo momento da expografia: a seleção da produção imagética, que auxiliou na ressignificação da década de 1940 para que o público pudesse compreender a construção histórica e cultural da Paraíba com o figurino estilizado, a iluminação apropriada, a decoração do ambiente e a disposição das peças expostas (NUNES, 2012).

A terceira e mais importante fase, a comunicação, simboliza a percepção dos arquivos como espaços de cultura. É esta comunicação que desconstrói a ideia de instituições arquivísticas voltadas absolutamente para os fins administrativos. Isso se deve ao fato de que

a ação educativa promovida, através da enquete, durante o evento, gerou repercussão e impacto nos visitantes.

Notoriamente, as pessoas ficaram encantadas com todo o cenário montado e, a partir disso, despertaram seus interesses na história por trás daquela exposição, em principal, por se reconhecerem-se ou conhecerem pessoas nas imagens. Assim, o discurso expográfico fugiu da ideia de apenas expor e passou a propor a interlocução entre os visitantes e o Arquivo. O diálogo permitido durante a exposição foi o diferencial durante o evento, pois os cidadãos presentes se envolveram e se tornaram parte integrante daquele universo apresentado, além de relacioná-lo às suas referências e interpretações, a fim de modificar ou ampliar seus sistemas de crenças e visões de mundo. Essa propositura também versou pela obtenção de informações inerentes às fotografias para que pudéssemos situá-las no processo de descrição arquivística. Partimos do expor para a obtenção de informações que auxiliassem no seu tratamento. Ou seja, construímos uma metodologia diferenciada para o ato de obter as informações e, assim, representar tais documentos imagéticos (MAIA, 2011; NUNES, 2012).

A concretização desta pesquisa revela uma nova interpretação que os arquivos podem oferecer à sociedade, enfatizando que o seu papel social deve partir do reconhecimento perante a sociedade como espaço cotidiano e permanente de educação e cultura. Isso significa que essa nova perspectiva sobre as instituições arquivísticas ocorre quando se ultrapassa os limites administrativos e as transforma em um local onde o cidadão pode ter acesso às informações de caráter cultural, social, educativo e de entretenimento.

Desse modo, segundo Bellotto (2006), fica evidente a implicação dos arquivos no fomento à difusão dos valores assumidos pela sociedade como fundamentais, os quais, conseqüentemente, dão suporte à construção da memória coletiva e identidade social. E nesse cenário se percebe o arquivo como um espaço social de mediação, que contribui para o desenvolvimento dos indivíduos, tornando-os mais capazes de compreender o passado da comunidade em que vivem e, com isso, colaborar para a constante construção da identidade social.

Não obstante, o reconhecimento do papel social do arquivo, na pesquisa desenvolvida, cujo objetivo pautou-se em apresentar a construção expográfica no Arquivo Afonso Pereira, trazendo como temática o Teatro do Estudante da Paraíba, teve como maior desafio a restrição bibliográfica na área da Arquivologia, pois ainda há poucos autores que discutem essa temática. A maior parte das referências encontradas ainda é originária das áreas da Museologia e da Biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: UNICAMP, 2011.

BELLAIGUE, Mathilde; MENU, Michel. Une infinie transparence: art et museologie. In: SIMPOSIO MUSEOLOGIA E ARTE, 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 1996.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **Como desenvolver políticas de ação cultural e educativa em arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2002.

BRASIL. Lei nº 8159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 jan. 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COOK, Michel. Desenvolvimento na descrição arquivística: algumas sugestões para o futuro. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1-2, p. 125-132, jan.-dez. 2007.

FONSECA, Ana Flávia; OLIVEIRA, Bernardina M. Juvenal Freire; FRAGOSO, Ilza da Silva. **Fundação Padre Ibiapina**: semente fértil no solo da educação paraibana. João Pessoa: Ideia, 2008.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa - PB. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 20, n. 66, p. 125-140, abr. 1999.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**: escrita e literatura. Campinas: Unicamp, 2003.

LOPES, Luís Carlos. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Rio de Janeiro: Papéis e Sistemas, 2000.

MAIA, Manuela Eugênio. **Relatório de Extensão**: Arquivo Afonso Pereira (AAP) e a construção de políticas de divulgação pedagógico-cultural. João Pessoa: UEPB, 2011. 30p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2009.

NUNES, Flávia Barros Fernandes. **Difusão cultural no Arquivo Afonso Pereira**: o Teatro do Estudante da Paraíba e sua construção expográfica. 2012. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia)– Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2012.

OLIVEIRA, Bernardina M. Juvenal Freire; ROSA, Maria Nilza Barbosa; ABREU, Tatiana Losano de. **Afonso Pereira e o Teatro do Estudante da Paraíba**: educando pela arte dramática. João Pessoa: Ideia, 2010.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Paraná: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Rui Marinho. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

SEMENSATTO, Simone. **Classificação do conhecimento nas esferas de produção e comunicação do saber**: a exposição "em casa, no universo" do museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. 160 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Armando Malheiro da et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1998.

STRADIOTTO, Tariana Maici Souza. **O que é museologia?** 2005. Disponível em: <<http://movimentodasartes.com.br/tariana/pop/050315a.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

TEIXEIRA, Graça; CUNHA, Marcelo Nascimento B. da. **Seminário de expografia**. [S.l.: s.n.], 2005.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2007. (Memória da Educação).